

## A ANSIEDADE EXISTENCIAL PARA PAUL TILLICH (\*)

Florindo Stela  
( 2º ano de Psicologia )

O problema da ansiedade do homem contemporâneo é o tema que Paul Tillich elucidou em seu texto "A CORAGEM DE SER". O autor entende a ansiedade basicamente como uma dimensão ontológica, ou seja, constituindo-se elemento do próprio ser do homem: "Ansiedade é o estado no qual um ser tem ciência de seu possível não-ser, é a consciência existencial do não-ser". Como o não-ser é parte do próprio ser do homem, afirma Tillich que a ansiedade natural do homem é produzida por essa consciência latente, existente dentro dele do "ter que morrer". É a certeza da nossa própria finitude. Ela se constitui, enfim, nessa dialética existencial em que a nossa capacidade de ser é ameaçada pela nossa própria incapacidade de ser — pelo possível não-ser.

Dentro desse contexto de abordagem, o autor desenvolve, então, a sua noção de "ontologia da ansiedade", onde a "coragem" se constitui na auto-afirmação da pessoa como ser, da sua natureza essencial. Coragem se revela, pois, como a auto-afirmação do ser, embora sempre ameaçado pelo possível não-ser. Ela é a potência do homem de se auto-afirmar como pessoa, como vida, a despeito de tudo que o impede de assumir seu constante processo de vir-a-ser, de auto-realização.

O não-ser, ameaçando constantemente o ser, ele próprio se torna um desafio ao homem, torna-se-lhe uma fonte de coragem para que ele se auto-afirme como um ser único em todas as suas dimensões pessoais.

(\*) Todo este estudo versa sobre a obra **A Coragem de Ser**, de Paul TILLICH, editada no Rio pela PAZ E TERRA, em 1972.

## 1 – TENSÃO ENTRE SER E NÃO-SER: ANSIEDADE

Para Tillich, o fenômeno da ansiedade, manifestando-se como “o estado no qual o ser tem consciência de seu possível não-ser”, surge dessa tensão dialética. Essa consciência é “existencial” por se constituir, não em algo abstrato, e sim em algo real, vivo.

O ser vive em ansiedade pelo fato de haver uma ameaça à sua potencialidade de auto-afirmar-se, na medida em que sua existência se confronta com as próprias limitações e incapacidades, e, basicamente, na medida em que o ser se defronta com o nada. O nada, para Tillich, é a perda do sentido da existência, é a falta de intencionalidade; é o vazio, o próprio não-ser.

Essa ansiedade básica, portanto, é inerente à existência humana mesma, ela pertence à nossa existência, e por isso, ela não pode ser eliminada, reafirma Tillich. Mesmo porque o não-ser depende do ser: não pode haver negação senão houver a afirmação para ser negada.

## 2 – OS TIPOS DE ANSIEDADE:

### ANSIEDADE DA MORTE, DA INSIGNIFICAÇÃO E DA CULPA

O autor distingue três tipos de ansiedade, de acordo com as três direções nas quais o não-ser ameaça o ser:

a) o não-ser ameaça a afirmação ôntica do ser quando este é impossibilitado de dimensionar a significação da sua vida; quando o sentido da vida perde sua causa fundamental.

Quando o homem é atingido por essa ausência básica de necessidade de vida e, mais radicalmente, pela possibilidade da própria morte, ele vive, então, um estado de ansiedade que Paul Tillich denomina de “ansiedade do destino e da morte”.

b) O segundo tipo de ansiedade manifesta-se pela insignificação, cuja ameaça ocorre a partir do instante em que a pessoa se vê em face da impossibilidade de viver criadoramente a dimensão do ser. A ameaça da ansiedade da insignificação caracteriza-se, por conseguinte, pela situação de

ameaça ao fato de a pessoa poder viver espontaneamente. Sua vida pode vir a se tornar vazia, sem conteúdo, sem significação existencial. A vida pessoal sente que está perdendo seu poder original de se expandir, de expressar de maneira criadora todo o seu ser e todas as dimensões da própria vida. Em conseqüência, ela corre o risco de se desagregar. E, à medida em que o processo de insignificação se desenvolve, ele vai envolvendo a pessoa numa situação de indiferença, onde a negação do ser vai dominando sua auto-afirmação.

A ausência de um núcleo de valores que dêem sentido à vida interior do homem, e a perda da sua capacidade de viver de maneira espontânea a criadora, conduzem-no a um estado de desagregação interior — da própria unidade vital. Conseqüentemente, o homem, sem resposta à sua situação existencial, sem um núcleo de valores que lhe dêem sentido à vida, não se sente capaz de descobrir a força criadora da ansiedade e nem com coragem de se auto-afirmar como pessoa.

c) O outro tipo de ansiedade revela-se pelo estado de culpa e condenação — fato que se traduz pela ameaça do não-ser à auto-afirmação moral do homem.

O homem, como um ser ôntico e, ao mesmo tempo, como um ser espiritual, é responsável por ele próprio; é chamado a responder sobre “o que fez de si mesmo”, e responder, fundamentalmente, a ele próprio — pois é ele o juiz de si mesmo.

Para Tillich, esta situação de dualidade, em que o homem, por um lado, é chamado a responder sobre o que fez de si mesmo e, por outro, responder a si mesmo, pois ele é o seu próprio juiz que, ao mesmo tempo, se coloca contra ele — esta situação de dualidade produz a ansiedade da culpa e, de maneira mais radical, a ansiedade da condenação.

A ansiedade da culpa consiste na situação em que o não-ser confunde a auto-afirmação ôntica e espiritual do ser. A consciência dessa incerteza de auto-afirmação é o sentimento de culpa. Enquanto que, a ansiedade da condenação, manifesta-se pela completa auto-rejeição que a pessoa possa ter de si mesma, e que a leva a um estado interior de desespero por ter perdido a significação da própria existência.

Sendo essencialmente liberdade, no sentido de se tornar o centro de decisões a partir do núcleo do seu próprio ser, o homem é chamado ao desafio da plena realização de si mesmo. É sua tarefa desenvolver tudo o que ele é em potencial, em possibilidade. Entretanto, embora exista esse apelo interior

que o desafia, o homem tem a capacidade de rejeitá-lo. Ele é liberdade, razão pela qual pode contradizer seu ser essencial e perder a significação da sua vida, ao escolher o não-ser.

Os três tipos de ansiedade que se manifestam no homem, não são separados. Estão interligados de tal forma que expressam, de modo distinto, um estado existencial do próprio homem. E todos eles podem contribuir para a realização pessoal, quando o homem faz a opção para assumir, com coragem, a liberdade de ser; ou podem levar à situação de desespero quando, já sem esperança, o homem se deixa envolver pela possibilidade de não ser, pela negação do ser.

### 3 – A AMBIVALÊNCIA DA ANSIEDADE: PATOLÓGICA E CRIADORA

A ansiedade, em sua constituição, pode ser patológica, quando conduz à destruição do ser, ou criadora, quando o leva à sua auto-afirmação.

De qualquer forma, ela é existencial em razão de pertencer à existência mesma. Por isso, ela não pode ser afastada.

Fundamentalmente, para Tillich, a ansiedade existencial é a conseqüência do risco que o homem vive constantemente em face de sua realização pessoal: caracteriza-se pelo conflito entre a auto-afirmação do ser ameaçada pela possibilidade de não ser; ou pela possibilidade de não se auto-afirmar como pessoa.

Para sua superação, este risco exige coragem de ser, apesar da ameaça do não-ser.

Embora com diferentes aspectos discutidos a respeito da ansiedade, por diversas interpretações psicológicas, há um denominador comum entre essas teorias: a ansiedade é a conseqüência de conflitos insolvidos entre elementos estruturais da personalidade; — entre impulsos inconscientes e normas repressivas, entre mundos imaginários e a experiência do mundo real, entre o desejo de ser aceito pelo outro e a experiência de ser rejeitado. Estes estados geram ansiedade.

a) A ansiedade existencial é criadora quando leva a pessoa à coragem de ser, isto é, à auto-afirmação da própria existência, do ser enquanto ser. Por isso, ela deve ser abordada, segundo o autor, também à luz da compreensão ontológica — por envolver um problema ontológico: o da auto-afirmação do ser enquanto ser e o da possibilidade de não-ser.

A ansiedade existencial manifesta-se como criadora, quando conduz o ser à sua realização ontológica, como expressão de consciência, de liberdade e de coragem.

b) Ela pode, também, se caracterizar como ansiedade patológica, nas situações em que conduz o ser à sua auto-negação.

Para Tillich, a ansiedade patológica constitui-se na ansiedade neurótica, e se evidencia pela fuga que a pessoa, existencialmente desintegrada, empreende de si mesma: "Neurose é o meio de evitar o não-ser evitando o ser. É um processo psíquico de evitar o não-ser evitando o ser".

A auto-afirmação do ser enquanto ser, exige coragem, risco. O neurótico é aquele que evita essa auto-afirmação para, desta forma, evitar a possibilidade de fracasso nesse risco. Evita a busca de significação para sua vida, a fim de evitar a possibilidade de não encontrá-la. Evita a afirmação do ser, para evitar ser envolvido pelo não-ser. Pois, a auto-afirmação do ser é sempre ligada dialeticamente ao risco do não-ser. Para ser, o homem, necessariamente, corre o risco do não-ser. O neurótico foge desse risco, ficando, conseqüentemente, com o seu Eu reduzido, com a sua personalidade diminuída.

Em decorrência desse processo de fuga, o neurótico vive num conflito insolúvel: fugindo do risco da auto-afirmação porque esta implica a possibilidade de não-realização; fugindo do êxito para fugir da possibilidade de fracasso.

Esse conflito, progressivamente, vai reduzindo o Eu, a ponto de torná-lo incapaz de se arriscar em busca da própria realização.

A ansiedade patológica, para Tillich, portanto, consiste nesse estado de incapacidade da pessoa se auto-afirmar integralmente, limitando-se, pelo contrário, a um fechamento interior cada vez mais acentuado; a uma personalidade reduzida, fixada, estagnada. Esse estado é a própria falência do Eu.

Como o neurótico é incapaz de assumir a ansiedade existencial, exatamente por ela envolver a dialética do êxito e do fracasso, ele, para sobreviver, inventa um mundo imaginário, onde teme o que não deve ser temido e sente como seguro o que, em si, não é seguro. Ele se torna incapaz de descobrir, de buscar e de criar um núcleo de valores que lhe dêem sentido à vida, reduzindo-se a uma atitude de indiferença e de vazio interior em face desses valores existenciais.

#### 4 – FÉ INCONDICIONAL COMO RESPOSTA

A resposta à crise existencial que envolve o homem contemporâneo, para Tillich, constitui-se no processo de busca e de encontro com um Ser que ao mesmo tempo em que é imanente ao homem, o ultrapassa. A crise dos valores profundamente humanos só encontra resposta, segundo Paul Tillich, na Fé incondicional, absoluta num Ser que ultrapassa o homem.

A coragem da auto-afirmação só se processa na medida em que o homem, como síntese da condição e da liberdade, do finito e do infinito, e do temporal e do eterno, — se lança em direção a um ser que o transcende a partir da abertura do seu próprio ser.